www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 14. Antropologia dos Povos Tradicionais Costeiros: Práticas Sociais, Territórios e Conflitos

Coordenador(es):
José Colaço Dias Neto (UFF - Universidade Federal Fluminense)
Francisca de Souza Miller (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Sessão 1 - Gênero, Comunidades e Conflitos
Debatedor/a: Luceni Hellebrandt (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Sessão 2 - Conflitos, Processos e Resistências
Debatedor/a: Edna Ferreira Alencar (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Grupos sociais que vivem do extrativismo e da agricultura, entre outras activitys – tais como pescadores artesanais e ribeirinhos em geral – foram ou são habitantes de regiões costeiras e historicamente têm sido impactados por diversos fenômenos. A expansão metropolitana, os desastres ambientais de grandes proporções, o turismo em pequena e larga escala, as formas de controle oficial em áreas de interesse ecológico, são alguns processos que vem reconfigurando o uso e a ocupação de territórios costeiros e ribeirinhos no Brasil. Este Grupo de Trabalho pretende reunir pesquisas empíricas em andamento e tem como um de seus objetivos o cruzamento de diversos olhares sobre estes fenômenos, em especial àqueles de caráter etnográfico, que evidenciem conflitos e tensões entre as populações “tradicionais” e os vários modelos de uso e ocupação destes territórios costeiros e ribeirinhos. Reflexões sobre o manejo de ecossistemas, as formas de organização política destas populações, suas estruturas econômicas, bem como os conflitos suscitados por diferentes processos e agentes sociais – sobretudo agências estatais, organizações não governamentais e empresas – são alguns dos aspectos que serão discutidos nesta activity.

FIOS DE HISTÓRIAS, FIOS DE ALTA TENSÃO Eletricidade, turismo, peixes e projetos em redes envolvendo a comunidade de Pouso da Cajaíba (Paraty, RJ)

Autoria: Luana Santiago Novaes (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo), Valéria Macedo (UNIFESP)

Esta dissertação é resultado de um work de campo realizado entre os anos de 2017 e 2019 no Pouso da Cajaíba, zona costeira do município de Paraty (RJ). O work buscou lançar redes sobre técnicas relacionais que multiplicam o feitio da vida no Pouso: a pesca, o plantio, as instituições (como a escola e o posto de saúde), o turismo, os projetos e a política. Partindo de uma imagem conceitual de Ingold, procurou-se mostrar como a vida no Pouso se constitui como malha de linhas ao longo das quais interagem diferentes seres e ritmos. Entre estas, figuram as linhas de eletricidade, cuja chegada recente na comunidade do Pouso constituiu o mote disparador da pesquisa. O projeto do mestrado nasceu assim com o objetivo de acompanhar as conexões e os nós entre os recém-chegados fios de tensão elétrica e fios de histórias daquela comunidade. Em minha experiência de campo, os fios de eletricidade acabaram muitas vezes sumindo em meio aos fios de outras histórias. Eles certamente não foram posicionados na vida do Pouso como uma linha divisória que estabelecesse um ?antes? e ?depois? da luz elétrica, recusando assim divisões estanques entre o ?tradicional? e o ?moderno?. Em vez de grandes divisores, minha experiência etnográfica foi ao encontro do que Viveiros de Castro designou como ?pequenas multiplicidades? (2006: 181). O primeiro capítulo, O tronco, a canoa e os conhecimentos caiçaras, a atividade pesqueira, em suas diversas modalidades e contextos relacionais, é abordada em diálogo com a proposta de uma antropologia da técnica (SAULTCHUK, 2017), mas

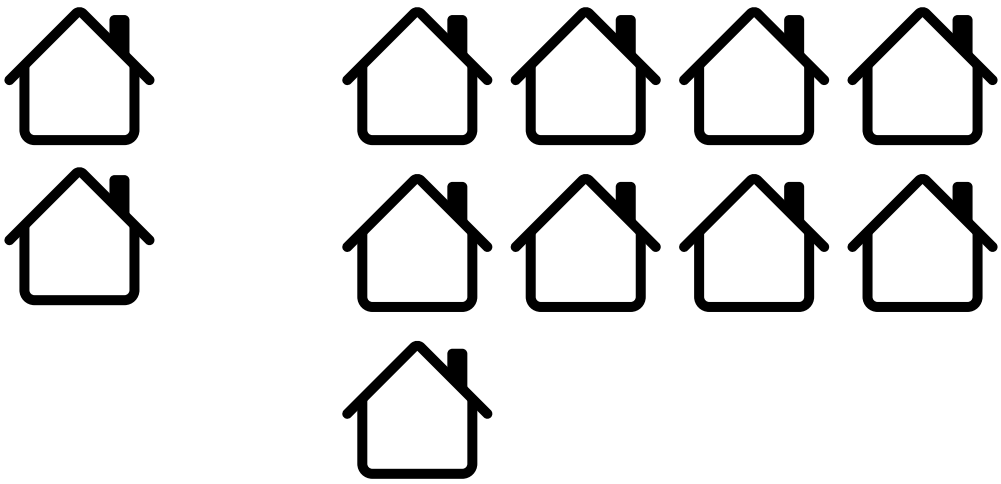
 ISBN: 978-65-87289-08-3

também com uma bibliografia mais clássica a respeito de comunidades caiçaras. Enquanto a pesca no mar é uma atividade predominantemente masculina, muitas das atividades em terra são protagonizadas pelas mulheres, para as quais se volta o segundo capítulo, O pé de tamarindo, as mãos das mulheres e a feitura da vida no Pouso. Aqui, técnicas fazem visíveis relações envolvendo plantios, construção de paredes, escolas e posto de saúde, em que divisões fixas entre tradicional e moderno não encontram lugar. No terceiro capítulo, Turistas na rede, a ênfase recai sobre o turismo como técnica relacional, que no Pouso tem como singularidade uma proposta alternativa ao turismo mais convencional no mundo capitalista, centrado em serviços de hotelaria e padrões de consumo que se voltam para paisagens e eventos específicos. O viver em meio a uma comunidade caiçara faz parte da experiência turística no Pouso, e é para ela que o capítulo se volta. Por fim, o quarto capítulo, Redes de pesquisa, ativismo e turismo aborda justaposições e ressonâncias entre essas redes por meio de projetos e políticas, incluindo questões postas pela incidência da comunidade em uma Reserva Ecológica.

Trabalho completo

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**